

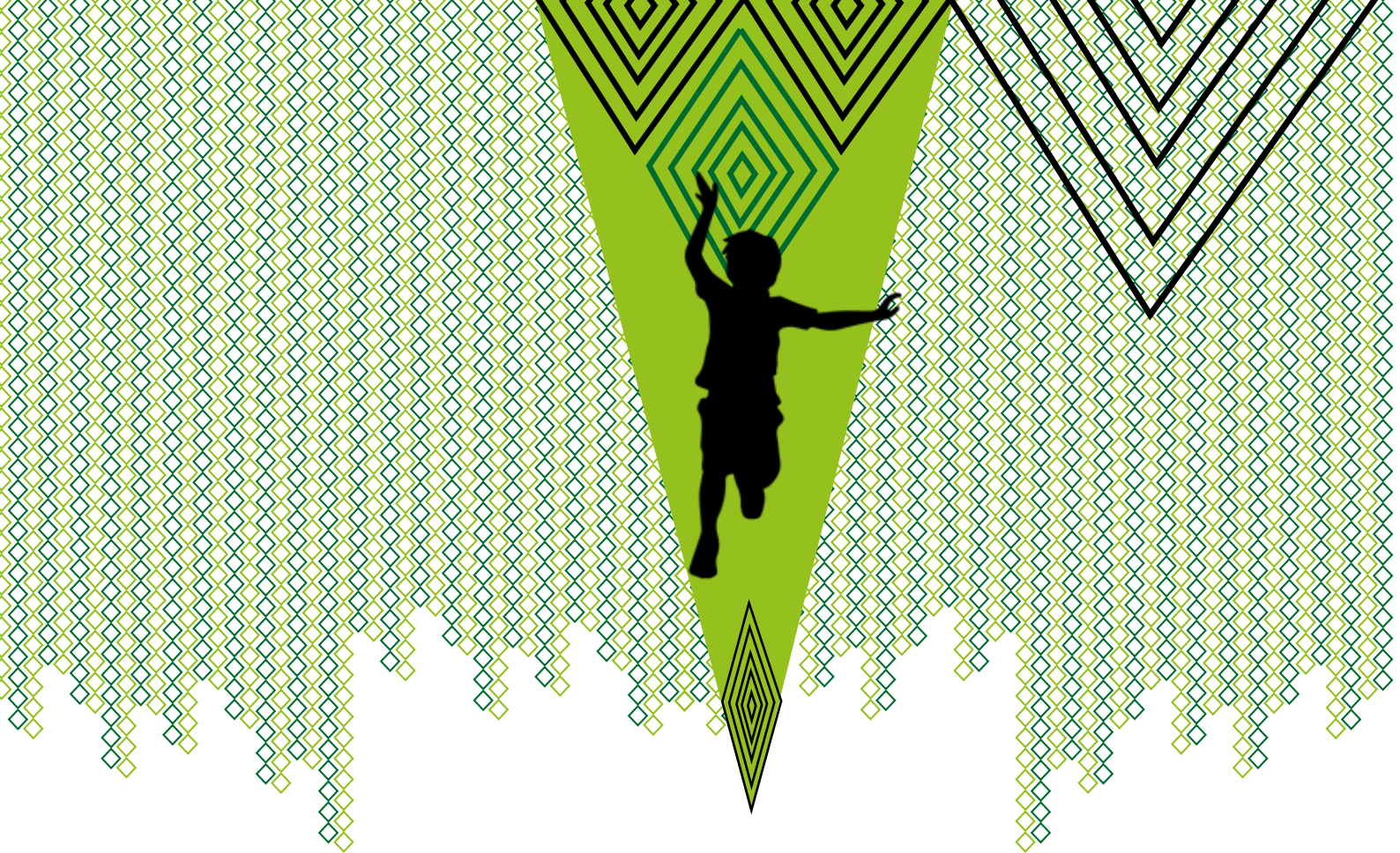


Fotografia: Adobe Stock

Os gritos dos indígenas Guarani Mbya da aldeia Tekoá Pyau: por uma insurgência potente

Rafael da Silva Tosetti Pejão

EMEF Ernani Silva Bruno – DRE Pirituba/Jaraguá



Este estudo trata dos povos originários que vivem na aldeia Tekoá Pyau, localizada no bairro do Jaraguá, em São Paulo, entre duas importantes rodovias, Rodovia dos Bandeirantes e Rodovia Anhanguera, próximo ao Parque Estadual do Jaraguá, uma área de preservação de 532 hectares. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estimou que 90 famílias viviam na comunidade em 2010 (IBGE, 2010). No entanto, em 2022, Fernando da Costa Ramos, um dos líderes da comunidade, afirmou que 98 famílias vivem em cerca de 7,5 quilômetros quadrados, apesar de parte da terra não ser um território indígena legal. Ainda que os povos originários sejam os legítimos proprietários

desde a década de 1960, regularmente a comunidade da aldeia se reúne para lutar por seus direitos em relação à oficialização e regularização da demarcação das terras.

Os povos da aldeia partilham o espaço com a flora nativa, mas o trabalho com o plantio é escasso devido a condições desfavoráveis para a lavoura, tornando a atividade inviável. O cenário habitacional enfrenta a escassez de uma rede de esgoto, eletricidade, água potável e saneamento dignos.

Pela localização urbana, a aldeia carece de características típicas indígenas, fazendo com que os povos originários procurem meios para sobreviver na região urbana.

Nesse viés, viver na aldeia se traduz como enorme desafio para crianças e adolescentes que resistem, lutam para encontrar uma essência e engendrar um futuro com seu povo.

Para auxiliar a comunidade indígena, há um Centro de Educação e Cultura Indígena - CECI Jaraguá, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, uma Unidade Básica de Saúde - UBS, a Opy (casa de reza indígena), um espaço destinado a atividades espirituais e educativas e uma Escola Estadual de educação básica, EE Djekupe Amba Arandy. O CECI desenvolve atividades diversas respeitando as especificidades da educação e cultura Guarani Mbya, fortalecendo a identidade Guarani, que se baseia no conhecimento ancestral dos mais velhos para os mais novos.

O pesquisador, autor desse texto, por meio do Projeto Brincadas, organizou um cineclube com a equipe do Entretodos para brincar com as crianças e jovens da aldeia. O Entretodos é uma organização que oferece gratuitamente curtas-metragens e festivais de Direitos Humanos, ampliando o acesso a debates envolvendo diversas temáticas recorrentes no cotidiano e nos fundamentos da sociedade, por meio das vigorosas ferramentas artísticas e pedagógicas que são os cineclubes.

Em concordância com a perspectiva dos Multiletramentos Engajados, os pesquisadores organizaram uma sessão em que os participantes assistiram a curtas-metragens como ponto de partida para reflexões e ações sobre questões climáticas, desmatamento, demarcação de terras, identidade. Em conjunto com educadoras, educadores da aldeia, firmou-se que esta sessão faria parte da comemoração do dia das crianças. A sessão do cineclube aconteceu durante as festividades na aldeia, com a participação das crianças, adolescentes e educadores indígenas para criar gretas, fissuras rompendo com a anulação e silenciamento das tradições indígenas. Os curtas-metragens utilizados como propulsores das atividades para as crianças foram: “White Paper” - Papel Branco - (2010, Seyed

Shakib), “Maisha” (2015, Jordi Piulachs, Lula Gómez) e “Game Over” - Fim de Jogo - (2013, Seyed Shakib), e para os jovens: “Assum Preto” (2020, Bako Machado), “(Des)matamento” (2020, Gunga Guerra), “Mandayaki e Takino” (2020, Yariatu Juruna, Dadya Juruna), “Menino Pipa” (2018, Gleice Kelle), “Nós somos” (2018, Alunos da turma Tâmara Bezerra e Giselle Sabatini).

As atividades começaram pela manhã com as crianças indígenas, elas assistiram três curtas-metragens que abordaram problemas sociais, climáticos e que se configuravam como uma imersão na realidade. Com a exibição dos filmes, as crianças dialogaram e expuseram comentários, em sua maior parte, usando a língua guarani, e pouco a língua portuguesa. A atividade proposta foi o brincar lúdico com diversos materiais, entre os quais, folha sulfite, lápis colorido, giz de cera. Embora os curtas-metragens exibissem atitudes de desigualdades, crises climáticas, proteção ao meio ambiente, as crianças desenharam representações das histórias e transpuseram situações de silenciamento, subalternização e hierarquização contidas nos curtas-metragens, o que deixa evidente o engajamento delas, pensando no futuro da vida na Terra. Seus desenhos ressoam os mecanismos de resistência e rebelião (WALSH, 2019) em busca de justiça social.

A atividade desenvolvida mostra o quanto é poderosa a prática da translanguagem (GARCIA; WEI, 2014), as crianças e pesquisadores se comunicaram usando a língua guarani e portuguesa, desenhos e gestos, enquanto interagem, dando sentido aos seus mundos.

No período da tarde, os jovens, adolescentes da comunidade, assistiram os curtas-metragens, depois compartilharam suas experiências vivenciadas na aldeia, criando performances, se apropriando do teatro como ferramenta pedagógica, assim reproduzindo algumas cenas dos filmes. Posteriormente, se reuniram em grupos menores para a discussão acerca das temáticas apresentadas. E surpreendentemente o engajamento dos jovens não

foi diferente, pois eles souberam romper com o silenciamento, em muitas ocasiões tomado como normal. A surpresa foi quando educadores indígenas, surpresos, disseram: “Uau, eu não imaginava que eles poderiam criar um trabalho significativo com seus colegas”. Não acreditavam que os jovens são capazes de mostrar suas habilidades com o conhecimento sobre sua comunidade e ancestralidade.

Nesse processo, as crianças e os adolescentes indígenas superaram junto barreiras herdadas dos povos europeus que perpetuam até os dias atuais para os povos originários, com o engajamento criaram bases de agência. Como argumenta (STETSENKO, 2019), eles não simplesmente “reagiram e responderam”, mas agiram de forma agentiva na correalização do mundo e de si mesmos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GARCIA, O; WEI, L. **Translanguaging**: language, bilingualism and education. London: Palgrave Macmillan, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LIBERALI, Fernanda Coelho; MEGALE, Antonieta Heyden. As implicações do conceito de patrimônio vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. **Revista X**, Paraná, v. 15, n. 1, p. 55-74, 2020.

STETSENKO, Anna. Teoria do método e filosofia da prática de Vygotsky: implicações para metodologia trans/formativa. **Educação**, v. 39, n. 4, p. s32-s41, 2019.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir. Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). V. 05, N.1, Jan.-Jul., 2019.

